

# AUDIÊNCIA ■ Presidente do BC exalta dados positivos da economia na CAE

## Meirelles diz que Brasil já tem crescimento sustentado

ANTONIO CRUZ / ABR

Juliana Rocha

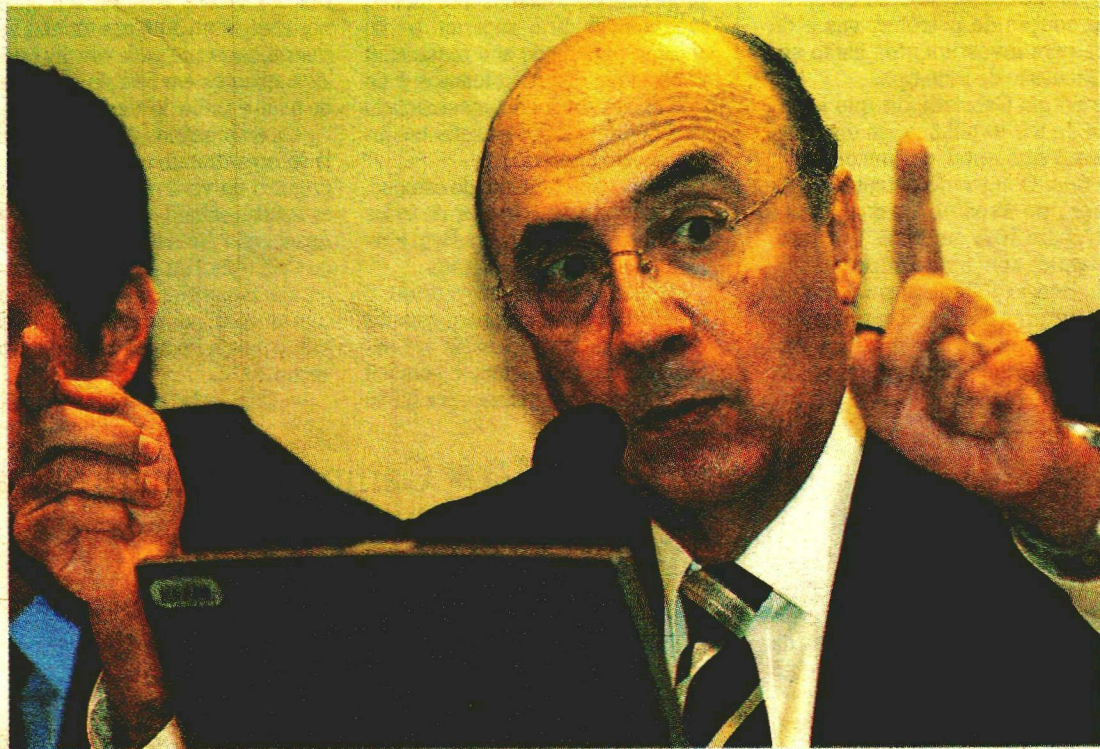
■ BRASÍLIA. O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, avaliou ontem que o crescimento econômico do país já pode ser considerado sustentado. Em audiência pública na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado, uma platéia que costuma criticá-lo pelos juros altos, Meirelles aproveitou o menor patamar da Selic desde que a taxa básica foi criada para ressaltar que o único caminho para o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) é o controle da inflação. Ou seja, a queda dos juros antes do tempo traria de volta a inflação e seria prejudicial ao crescimento.

Na oportunidade, o presidente do BC citou dados positivos da economia, como a geração recorde de 302 mil empregos formais em abril, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), para destacar que o país caminha no rumo certo.

A sessão de ontem na CAE teve um sabor especial para Meirelles. Respondeu às perguntas dos senadores com evidente bom humor. E recebeu em troca um elogio do presidente da comissão, o senador Aloízio Mercadante, um contumaz crítico da política monetária do Banco Central. Mercadante exaltou a equipe do BC pela redução de 0,5 ponto percentual da Selic na última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM), quando parte do mercado financeiro ainda apostava em uma redução mais conservadora, de apenas 0,25 ponto.

— A grande mudança (nos últimos cinco anos) é que o Brasil estava com as bases do crescimento sustentado e agora está efetivamente crescendo de forma sustentada — disse Meirelles depois da audiência pública no Senado.

Meirelles admitiu que a trajetória é de queda dos juros a longo prazo. Mas disse não ver problemas de a inflação ficar abaixo do



Meirelles afirma que juros vão cair mais e destaca sua importância no controle da inflação

“Vários países passam a maior parte do tempo com a inflação abaixo do centro da meta

Henrique Meirelles, presidente do Banco Central

centro da meta. A projeção do mercado financeiro é de aumento de 3,59% do IPCA até o fim do ano. A meta de inflação é de 4,5%, mas pode variar dois pontos percentuais para mais ou menos.

— Vários países passam a maior parte do tempo com a inflação abaixo do centro da meta. É o caso do Chile, da Polônia, do Peru, da Austrália e do Reino Unido — disse Meirelles, respondendo a uma pergunta de Mercadante.

O presidente do BC disse que não há espaço para a redução do

“Não cabe ao BC tabelar as tarifas bancárias. O cliente pode trocar de banco.

depósito compulsório dos bancos. Lembrou que este também é um instrumento de política monetária e sua diminuição não poderia ser feita combinada com a redução dos juros. A queda do compulsório é uma reivindicação das instituições financeiras, que são obrigadas a depositar diariamente no BC parte do seu capital.

Os senadores da CAE questionaram Meirelles sobre as altas taxas cobradas pelos bancos. O presidente do BC lembrou que, no Brasil, as instituições financeiras

são livres para cobrar as taxas que quiserem. A redução se dará pela concorrência. E comparou:

— O governo não tabela os preços dos supermercados, dos automóveis, portanto não cabe ao Banco Central tabelar os preços das tarifas bancárias. O consumidor que estiver insatisfeito é livre para trocar de banco ou pode recorrer ao Código de Defesa do Consumidor.

Os parlamentares também perguntaram se o nível de concentração do setor bancário é elevado no Brasil se comparado com outros países. Meirelles citou que, na Suécia, a concentração das operações nos três maiores bancos é de 97%. E na Alemanha de 65%. No Brasil, segundo relatório do FMI, é de 45%.

■ Leia e opine no **JB Online**.  
[www.jb.com.br/24horas](http://www.jb.com.br/24horas)